

Parte I - A produção social da violência

Medo ao poder e poder do medo na construção de um território de violência

Margarita Rosa Gavéria

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GAVÉRIA, MR. Medo ao poder e poder do medo na construção de um território de violência. In: SANTOS, JVT., TEIXEIRA, NA., and RUSSO, M., orgs. *Violência e cidadania: práticas sociológicas e compromissos sociais*[online]. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011. Cenários do conhecimento series, pp. 56-73. ISBN 978-85-386-0386-3. Available from: doi: [10.7476/9788538603863](https://doi.org/10.7476/9788538603863). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/yccrrp/epub/santos-9788538603863.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Medo ao poder e poder do medo na construção de um território de violência

Margarita Rosa Gavéria*

O objetivo deste ensaio é discorrer acerca da maneira como é vivenciada a violência no cotidiano de uma localidade¹, destacada pelo alto índice de criminalidade. Para isso, procuro penetrar em móveis ocultos, desvendando comportamentos e sentimentos vividos, mas geralmente inconfessos, num ambiente cuja sociabilidade é permeada pela violência.

Esta proposta visa, então, salientar temores, medos e demais emoções inerentes ao processo de apreensão da realidade, tanto por parte dos sujeitos inseridos diretamente no ambiente dominado pela violência quanto por observadores de “fora”. Em diálogo com Elias (1994), percorro este caminho sob o postulado de que fantasias oriundas de desejos e temores misturam-se às observações de uma realidade. E de que padrões emocionais intervêm na definição de quais fatos devem ser considerados essenciais e quais descartados, sem importância, ao se refletir sobre atitudes individuais das pessoas no território estudado. Contudo, o fato da carga emocional estar imbuída nos discursos, não significa ausência de “razão” (Elias, 1994).

Ciente da imbricação entre emoção e razão, a ênfase nestas reflexões recai sobre o valor moral de sentimentos e emoções em relações sociais construídas num território de violência. Abordo, especificamente, os sentimentos de medo e os comportamentos que estes suscitam e, a partir deles, identifico conjuntos de relações sociais e atitudes dos sujeitos conforme a posição que ocupem, no âmbito de um “território de violência”.

Este trabalho apoia-se no pressuposto geral de que os temores individuais derivam do clima de insegurança criado pelas ameaças do “outro”. E de que esses medos são acirrados ainda mais pela falta de controle de tensões e conflitos que dominam o território.

Qualifico o espaço em que desenvolvo a pesquisa de “território de violência” pelo conhecimento de que ali as pessoas defrontam-se permanentemente com fenômenos violentos. E que as características da violência praticadas na localidade imprimem uma marca específica às relações sociais e às relações das pessoas com o espaço social. Assim, nos frequentes casos de assassinato,² o algoz circula livremente pelo território. Mesmo que as pessoas

saibam do acontecido, reagem passivamente, limitam-se ao constrangimento nos encontros, dominados pelo temor de serem novas vítimas de assassinato. E, no que diz respeito especificamente aos pais e familiares próximos da vítima do assassinato, eles têm de conviver em silêncio com os assassinos de seus filhos e parentes, pois, os protagonistas são pessoas conhecidas, trata-se de vizinhos com os quais se defrontam constantemente na vida cotidiana.

Mas a liberdade do algoz e o silêncio dos ofendidos são irrompidos, geralmente, por práticas de vingança. Os familiares da vítima vingam a morte do familiar, o qual acarreta na instauração de mortes em série. Situação que só é desviada quando a família, para evitar a justiça social, isto é, a vingança, traslada-se para outro lugar. Ou quando, para proteger o parente do assassinato por vingança, praticada por parte da família da vítima, recorre à polícia, denuncia o assassinato do familiar para que este seja preso e assim fique livre da vingança. Quer dizer, a cadeia, nessas circunstâncias, os liberta da justiça social.

Os familiares protegem o algoz sob o argumento de que apesar de assassino “não deixa de ser parente”. Porém, essa valorização do vínculo de parentesco não ocorre em casos nos quais os filhos estão tomados pelo vício. A reação dos pais consiste em largá-los à sorte, devido à impotência para controlá-los. Outro dos motivos pelos quais não fazem nada a favor dos filhos viciados e os deixam se destruir nas ruas, é que, dentro de casa, representam uma ameaça à integridade física dos membros da família e do patrimônio.

No território em questão, a maior parte dos envolvidos com drogas são jovens que começam a consumi-la entre 13 e 14 anos e, com o passar do tempo, a dependência é maior, é progressiva. Situação que incide também para seu envolvimento em atividades comerciais. Os jovens trabalham para narcotraficantes a fim de adquirir recursos para financiar o vício. Negócio forte na localidade, já que é ponto de referência no município para venda de drogas.

Contudo, em meio às práticas de violência, no território há valores morais e regras sociais condizentes com um estilo de vida familiar. Nele, a casa é um espaço “sagrado”, assim como é a família. No território moram diversos membros da família extensa, entre os quais o sentimento de afeto é naturalizado e o princípio de solidariedade arraigado.

Quanto ao valor simbólico da “casa” no território, como informei antes, o demonstra o fato dos pais de família deixarem seus filhos fora de casa por temor a seus ataques. O valor da casa é também evocado pelas pessoas quando apontam para ela como o único espaço em que se sentem protegidas da violência. Comentam que quando tem tiroteio durante as noites, ou trancam-se nas casas para se protegerem da violência. A respeito do significado da casa, é elucidativo o depoimento de uma senhora ao narrar que seu filho trabalhava no negócio de desmanche de carros, e agradece a Deus que ele seja de pegar carro e não casa. Quer dizer, os roubos em casa são os mais censurados socialmente.

Se a casa representa um espaço de proteção, a escola representa um espaço de violência. Nela, os adolescentes estão mais expostos a práticas de violência. No ambiente escolar, segundo notificam os pais, através de reclamações, o que aprendem seus filhos é a agredir seguindo o exemplo de alguns alunos que integram a gangue da escola. É uma minoria que atua com violência, 10 dos 300 alunos participam das ameaças e agressões na escola. A escola é um espaço não só de aprendizagem, mas também de resolução de conflitos. Alguns alunos, no lugar de levar papel e lápis levam armas, expressam irados os pais. Sendo que, neste contexto, as armas são pedras e facões. Dificilmente os alunos carregam arma de fogo. Os heróis de crianças e jovens neste espaço são os chefões do narcotráfico.

A participação de crianças e adolescentes em atos de violência é na condição de espectadores. Nos becos e no balão,³ é frequente observar crianças, jovens e adultos perambulando em torno do cadáver de uma vítima de assassinato, enquanto chega o Instituto Médico Legal para fazer o levantamento do corpo. O cadáver, nessas circunstâncias, é um elemento de distração social, oportuniza práticas de voyeurismo. É fotografado por curiosos, fotos que são mostradas para colegas e amigos, visando assim estimular sentimentos de espanto. Estamos então diante de um fato que demonstra uma das maneiras de vivenciar a espetacularização do crime.

Conforme as narrativas, a escuridão da noite é utilizada por bandos para praticar violência contra o patrimônio de escolas e bens, como foram o arrombamento da capela mortuária construída pela associação de moradores da localidade, as pichações na escola que atende a 800 alunos e os arrombamentos a postos de saúde, fatos ocorridos recentemente. A noite é também o espaço de tempo em que saem os justiceiros contratados por narcotraficantes a cobrar as dívidas, geralmente contraídas por consumidores de drogas. Dívidas que, se não são saldadas com dinheiro, os credores recorrem à retirada forçosa de bens de valor (DVDs, TV etc.), e, no caso de não ter nenhuma forma de cobri-las, a cobrança é com a vida, os devedores morrem de “morte matada”.⁴ Da mesma forma, a noite oportuniza aos narcotraficantes a comercialização de sua mercadoria. Essa situação obriga aqueles que estão alheios a esse mundo do crime a ficarem recolhidos em suas respectivas casas.

Quer dizer, existe um “tempo de violência”, no sentido de que há mudanças de comportamento das pessoas entre o dia e a noite. A noite é o momento em que interagem as pessoas envolvidas em práticas consideradas violentas no território: brigas, estupros, crimes passionais, roubos, assassinatos e narcotráfico. Cabe destacar que, apesar das pessoas nomearem esses crimes entre as práticas de violência, o eixo da violência é o narcotráfico, seja em decorrência de crimes ligados à comercialização ou de crimes resultantes do consumo. No sentido de que os entorpecentes tornam o indivíduo consumidor mais violento.

Percebi que não evocam práticas que ocorrem à luz do dia e que, do ponto de vista de profissionais que prestam assistência social às pessoas no território, são violentas por implicarem abuso de poder acompanhado de agressão física ou psicológica nas relações domésticas, de pais para filhos e de marido a mulher. Isto é, a violência doméstica corresponde a uma concepção que vem sendo introduzida por instituições de “fora” do território (ONGs) com o objetivo de criar consciência de que aquelas práticas precisam ser desnaturalizadas. Os subordinados devem se sublevar contra.

Bem, da mesma forma que há um tempo de violência no território, há espaços de violência. Trata-se de locais definidos em torno de certas ações. De modo que, se os bares são lugares de venda de droga, a eles comparecem consumidores para adquiri-la. Becos e ruas escuras são espaços de ação criminal, e o entorno da escola é espaço de consumo. Contudo, o que define os tempos e os espaços de violência é a maneira como se organizam os personagens sociais para executar a violência. Refiro-me a traficantes e aos que desenvolvem atividades inerentes ao negócio: venda, pagamento e consumo. Entre eles, há divisões de trabalho, portanto, hierarquias, que operam não só no âmbito dos envolvidos com drogas, mas do território como um todo.

No território, há chefes de narcotráfico, e, entre eles, uns ocupam uma posição superior a dos outros, na medida em que têm mais pontos de venda e os produtos que oferecem são de maior qualidade. São mais fortes os traficantes que comercializam cocaína e êxtase do que os “traficantes chinelo”,⁵ que comercializam pedra e cola de sapateiro. Nesse âmbito destaca-se um líder. Ele detém poder, que sustenta sob ameaças de morte às pessoas se denunciam suas atividades. Consegue, com seu poder, que as pessoas sejam cúmplices de suas ações, pois são coibidas a atuar contra seus negócios. A liderança do narcotraficante manifesta-se também quando age de maneira solidária com vítimas “injustas” de assassinato, como é o caso de um jovem de 16 anos, esportista, estudante e trabalhador, assassinado por vizinhos durante um assalto à casa dos pais. O chefe do narcotráfico oferece-se aos pais do rapaz para fazer justiça. Esta é a forma como são resolvidas as práticas de violência, pois, normalmente, não recorrem à polícia. Esta está desacreditada no território por sua ineficiência, conceito fundamentado na lentidão e na corrupção desses profissionais. Neste sentido, o vazio da instituição policial é preenchido com as ações dos chefes do narcotráfico.

O perfil do território aludido é amplamente conhecido no município, no âmbito do qual carrega o estigma de violento, o qual pesa negativamente entre os moradores, pois, na hora de procurar inserções em espaços de “fora”, ao preencher fichas de emprego, por exemplo, informando local de residência sentem-se acanhados, têm medo de ser marginalizados, desqualificados. Esse estigma de lugar violento torna-se uma barreira, às vezes intransponível, para seus moradores.

Enfim, os fatos empíricos esboçados a respeito do território mapeiam o ambiente, dominado pelo medo e sentimentos afins (desconfiança, insegurança, receio), no qual situo as reflexões. E, na sequência, abordo os recursos analíticos que oferece o exame dos sentimentos de medo que habitam pessoas que convivem no dia a dia com o homicídio e outros crimes ligados ao narcotráfico.⁶ Centro a atenção no medo ocasionado pelo fenômeno social da violência. Início as discussões teóricas propostas, discernindo acerca do significado de medo.

1 SIGNIFICADO DO MEDO

O medo é um sentimento inerente à natureza humana (Teixeira e Porto, 1998), mas não por isso é único. É ambíguo e manifesta-se de múltiplas maneiras, muitas delas contraditórias entre si. Além de que, seguindo as contribuições de DUBY (1998) e DELMANEAU (1989), os diversos elementos que o produzem variam conforme a época. Nessa sequência de ideias, os objetos do medo são historicamente determinados, assim como as formas de organização social para combatê-lo.

Os pensadores franceses, citados antes, mostram como o medo tem mudado ao longo da história da humanidade. Os motivos que o estimularam não são os mesmos, no mundo contemporâneo, do que foram na Idade Média. Tanto DUBY (1998) quanto DELMANEAU (1989), para caracterizar o medo nas sociedades de finais do século XX e inícios de 2000, recorrem à comparação com os temores próprios de outras civilizações. DELMANEAU (1989) salienta, especificamente, seu interesse em analisar o papel que desempenham os sentimentos de medo na história das sociedades humanas. DUBY (1998), por sua vez, ao fazer um paralelo entre o medo na Idade Média e na contemporaneidade, pondera que a insegurança nos séculos XI e XII vinha dos cavaleiros, dos bandos militares. O povo camponês considerava-os agentes do demônio.

Elias (1994) também compara os temores de épocas anteriores, produzidos por eventos naturais, aos temores atuais, decorrentes das relações sociais. Esse autor salienta que, em épocas anteriores, os eventos naturais eram muito menos controláveis pela experiência humana. Mas, ao longo dos séculos, as pessoas conseguiram gradativamente conter as ameaças e elaborar modelos de pensamento e ação que possuem um grau relativamente alto de destemor, de imparcialidade e propriedade. Já no âmbito das relações humanas e sociais, quanto mais ameaçada é a vida das pessoas, pela ampliação dos riscos, menos capacitadas elas estão para lidar, no pensamento e na ação, com os problemas que as confrontam. Na medida em que os modos de agir e de pensar estão carregados de afeto, diminui a capacidade de dominar e dissipar perigos e temores.

De um modo geral, os autores que centram a atenção na cultura do medo o fazem de uma perspectiva histórica (Elias, 1994; Duby, 1998; Delmaneu, 1989; Eckert, 2002). Todos esses autores apontam que as ameaças na sociedade contemporânea não são mais atribuídas às forças da natureza e a Deus, como foram no período pré-moderno, senão à modernização e ao progresso. O mundo moderno não lhe teme mais aos deuses e a sua superioridade, pois ele criou as condições de morte do próprio homem.

No marco da modernização e do progresso das sociedades contemporâneas, a produção do medo é mais complexa, pois os conflitos que o causam têm maior poder de destruição, ameaçam a estrutura das sociedades. Ademais, se antes as dificuldades que geravam os medos eram partilhadas, a confiança na solidariedade ajudava a enfrentá-los, hoje, o medo é uma perturbação a ser resolvida individualmente.

A inconsistência e a fragilidade da solidariedade, preeminentes na sociedade contemporânea, levam à fragmentação e à dispersão de durezas e sofrimentos. A dificuldade em condensar os sofrimentos numa causa comum constitui-se uma das dores amargas das pessoas. A vida é saturada de sombrias apreensões e sinistras premonições, assustadoras por falta de especificidade, por seus contornos imprecisos (Bauman, 2000).

Na atualidade, os indivíduos, nem sós nem acompanhados, podem combater as ameaças à segurança de sua condição social ou a incerteza sobre perspectivas futuras. Quadro que ajuda a compreender em que sentido o medo à vitimização dos jovens, derivado da alta vulnerabilidade à violência a que eles estão expostos em ambientes sociais como o selecionado para estas reflexões, afeta o desenvolvimento de projetos de vida individuais ou coletivos de uma ampla parcela de jovens.

Contudo, o fato de o medo ser vivenciado individualmente, na atualidade, não significa que seja independente da vida em sociedade. A categoria medo é construída socialmente, então, não evoca apenas um fenômeno psicológico, mas histórico e social também. Não se pode negar, como assinala Elias (1994), que cada pessoa é influenciada em seu desenvolvimento, pela posição em que ingressa no fluxo do processo social. Ao pensar na relação entre indivíduo e sociedade, é preciso conceber um eu possuído de um nós. Assim, crenças, fantasias e dúvidas que geram medo no indivíduo são influenciadas por fenômenos sociais e culturais.

Essa referência ao medo como construção social e/ou individual remete a ideias que podem ser melhor compreendidas a partir da leitura das teorias de Elias (1994) sobre a relação entre indivíduo e sociedade. Conforme essas teorias, mesmo que as pessoas associem o indivíduo e a sociedade a sentimentos e valores diferentes e contrários, estes não correspondem a entidades distintas e opostas. Já que a ideologia do indivíduo que impera na sociedade contemporânea centra-se num “eu” que internaliza regras externas. O indivíduo edifica-se olhando

para o “outro”, na expectativa de encontrar, nele, a si mesmo ou a um modelo. A questão do “outro” remete à problemática de si mesmo.

Nesta mesma linha de pensamento, Teixeira e Porto (1998) argumentam que o medo permite a mediação simbólica entre o indivíduo e a sociedade. Quer dizer, enquanto experiência individual, o medo assume conotações sociais, ele se articula a uma realidade de significações coletivas acumuladas. Significações que interessa observar na hora de interpretar a diversidade de experiências sociais.

E, assim como salientei na introdução, as experiências sociais nas quais foco a atenção são aquelas relativas à violência. Direcionando o olhar para elas, percebo que o sentimento de medo representa uma construção social decorrente da expansão da criminalidade, em razão de que a produção desse sentimento é estimulada pela violência. Então, tal como afirma Elias (1994), o diagnóstico de problemas sociais, como a violência, é influenciado pelo medo.⁷ Sendo em doutrinas mágicas que se procura a solução a esses problemas.

Sob o postulado da interconexão entre o caráter individual e o social na produção de medo na contemporaneidade, observo que este sentimento é decorrente de ameaças à integridade física, em última instância, à vida. Fundamentam-se na angústia da morte. São também ameaças de perdas que resultam da usurpação de bens por parte de outros. E intensifica-se na medida em que o risco de ser atingido é maior. Só que essas ameaças à vida podem gerar no sujeito que as vivencia uma atitude passiva ou uma atitude ativa.

Com base no reconhecimento de diferenças de atitudes das pessoas diante da vulnerabilidade à violência, analiso o medo a partir de dois pontos de vista: quando o sentimento se reflete na imobilidade do sujeito (medo ao poder) e quando o sentimento estimula o sujeito – o dominante ou o dominado – a agir, a se defender em alguns contextos e a atacar em outros (poder do medo). Quanto ao primeiro, o medo ao poder, alude a um sentido inibidor nos sujeitos que o vivem. Já o poder do medo abre caminhos para pensar situações em que o medo potencializa as atitudes defensivas dos indivíduos contra ameaças do “outro”, bem como potencializa a ação de dominação dos sujeitos dominantes sobre os dominados. Em suma, ambas premissas, a de medo ao poder e de poder do medo, são as que orientaram minhas reflexões neste artigo.

2 MEDO AO PODER

Neste item, reflito acerca das situações em que o medo é provocado por ameaças ou por ações concretas que atingem a integridade individual ou do patrimônio de um dos sujeitos da relação. São ameaças ou ações que estão fora de controle do sujeito ameaçado ou vitimado. Em outros termos, nessas circunstâncias, o medo é decorrente de situações incontroláveis. Refiro-me

também aqui ao medo provocado por sujeitos, representantes do poder, num processo disciplinar. Aqueles detentores de poder que, para conservar sua hegemonia, exploram sentimentos de medo nos subordinados. Fenômeno passível de acontecer porque, neste contexto, o medo paralisa.

A questão em foco é, portanto, relacional. No âmbito da relação, o protagonista das ações ou das ameaças que causam medo num sujeito é um “outro”. Esse outro corresponde a um ator social definido, ou a uma instituição, ou a forças da natureza, ou práticas sociais ou imaginação. Sublinho aqui a imaginação, pois, em diversas situações, as ameaças que atingem o indivíduo, fundamentadas no poder dos outros sobre ele, são imaginárias. Em todo caso, sejam ameaças reais ou imaginárias, sustentam-se na angústia que gera a consciência humana da morte.

Uma peculiaridade dessas ameaças é a negatividade. Elas inibem os sujeitos que as sofrem, os paralisam, geram estagnação individual. A ótica abordada aqui é então a do sujeito medroso que, dominado pelo sentimento, subjuga-se ao outro, se coloca numa posição subordinada de maneira apaziguada. Postura que evidencia a insegurança imanente à afetividade humana, interpretada por Delmenau (1989) como símbolo da morte, em oposição à segurança como símbolo da vida.

São diversas as maneiras em que se revela o medo paralisante e a negatividade no sujeito que o vive. Uma delas, no organismo: o medo gera uma energia que os indivíduos não conseguem discernir quando estão sob estímulos repetidos, causados por agressões. Se ele ultrapassar o limite do que o organismo consegue suportar, se torna patológico e cria bloqueios. Nestes casos, o medo doentio torna-se uma fobia, pode produzir uma angústia profunda e paralisar o sujeito. Quer dizer, se expressa também no comportamento dos sujeitos que o sentem, provocando comportamentos aberrantes e suicidas, que evidenciam como os indivíduos não conseguem apreender a realidade que os afeta. Em suma, o medo se traduz em mudanças fisiológicas e comportamentais dos indivíduos.

Além disso, a ênfase nas manifestações individuais do medo indica que o medo se confunde com a angústia. Delmaneau (1989), para esclarecer essa confusão, diferencia o medo da angústia com base na psicologia. A partir deste ramo do conhecimento, considera o medo e a angústia dois polos em torno dos quais gravitam palavras e fatos psíquicos, ao mesmo tempo semelhantes e diferentes.

Delmaneau (1989) argumenta que o medo é um poder conhecido, enquanto a angústia é o medo do desconhecido. A angústia é vivida como uma espera dolorosa diante de um perigo, tanto mais temível quanto menos identificado. Relaciona-se com a tese de Freud acerca da fobia, definida como uma angústia profunda sem relação direta com o objeto de medo.⁸ Já que, a

angústia é um sentimento global de insegurança, mais difícil de suportar do que o medo, cujo objeto é conhecido, portanto, a ele se pode fazer frente.

Em relação à angústia, a imaginação desempenha um papel importante, esta tem sua causa mais no indivíduo do que na realidade que o cerca, e sua duração não está, como a do medo, limitada ao desaparecimento das ameaças. O temor, o pavor, o terror dizem respeito ao medo. A inquietação, a ansiedade e a melancolia, à angustia.

Distinguir medo e angústia não significa ignorar seus laços no comportamento humano. Medos repetidos podem criar uma enorme desadaptação em um sujeito e conduzi-lo a um estado de inquietação profunda geradora de crise de angústia. Reciprocamente, um temperamento ansioso corre o risco de estar mais sujeito aos medos do que outro. Como o medo, a angústia é ambivalente, é pressentimento do insólito e espera de novidade. É, simultaneamente, temor e desejo.

Mesmo que reconheça os estreitos laços entre as categorias medo e angústia, evidenciados pela análise psicológica, enunciada por Delmanceau (1989), percebo que a angústia alude mais às causas psicológicas do que às sociais. Isto é, mesmo que o medo seja, em algumas situações, determinado por fatores psicológicos, em outras, como nas que saliento aqui, é provocado por fenômenos sociais e culturais.

E, como meu interesse é sobre fenômenos sociais e culturais que incidem na produção do medo, para dar continuidade a estas reflexões, discorro sobre o tema a partir dos agentes que o produzem, num território de violência.

3 AGENTE DE PODER

A referência aos agentes de poder alude aos atores sociais que detêm o poder de causar medo e/ou dominar pelo medo e às situações de vulnerabilidade social que o geram, como é a violência. Considero a relação medo-violência em termos abstratos e em termos dos protagonistas de ações, do significado social das ações.

Em termos abstratos, a violência denota uma prática social difundida em sociedades cujas estruturas são fracas para contê-la e apagar ou ofuscar os germens de discórdia que engendram a criminalidade. Ela aprisiona o indivíduo e a coletividade ao medo. Quando a violência aumenta, o sentimento de medo intensifica-se. Neste sentido, na sociedade contemporânea, medo e violência são fenômenos sociais mutuamente imbricados: a violência gera medo e o medo gera violência.

Além disso, na sociedade contemporânea, através de atos de violência praticados e disseminados socialmente, os indivíduos adquirem um

reconhecimento social que lhes dá poder. Isto é, no âmbito das relações sociais, o protagonista dos atos violentos detém poder. É um poder terreno, mundano, oposto àquele poder cósmico que amedrontou gerações humanas precedentes (Bauman, 2000; Duby, 1998; Delmaneau, 1989). O poder que amedronta hoje é aquele que excede a capacidade humana de resistência e a possibilidade de exercer um controle sobre esse outro ameaçador.

Conforme assinala Duby (1998), o medo gerado pela violência é mais complexo do que era antigamente porque é motivado pelo próximo, pelo outro que está perto de nós. A proximidade com que é vivenciada a prática da violência na contemporaneidade impede de estabelecer distância desse outro, estranhá-lo e concebê-lo separado de nós. A dificuldade de distanciamento acontece mais ainda pelo fato da violência ser uma das principais ameaças contemporâneas, gerada em grande parte pela falta de controle institucional em relação a situações de risco.

Diante desse quadro, as pessoas estão imersas em ambientes dominados pela sociabilidade da insegurança, nos quais o conhecimento da proliferação de atos de violência e da falta de controle institucional sobre eles contribui para que tudo adquira a marca do imprevisível. É imprevisível a magnitude da agressão contida nos atos dos outros, a possibilidade de controlá-los e as formas de controlá-los. Além do domínio do imponderável quanto às ações dos outros e as consequências delas, está a impotência social para minar o comportamento desviante, em vista de que, no marco dessas sociedades, o desvio é a norma. Ocorre, portanto, o que Bauman (2000) postula: quando o desviante se torna normal, toda normalidade é suspeita de desvio. Nessa ordem de ideias, o crime deixa de ser estigmatizado como ruptura à norma e representa ameaça à segurança.

Em diversas situações empíricas observei a insegurança intrínseca ao sentimento de medo ao poder da violência. Uma delas, bem difundida, é o medo de ser alvo de vingança, por ser a vingança uma prática que resulta em assassinato. Outra causa de medo é a vitimização em práticas de violência como assaltos ou homicídios. Em ambas situações subjaz o medo à morte, o qual, à luz das teorias de Duby (1998), é resultado da perda contemporânea do sentimento religioso, que vê na morte algo aterrorizante. E não como era na Idade Média: um evento, uma cerimônia que reunia as pessoas mais próximas para garantir ao morto uma posição no além.

Da mesma forma que algumas situações estimulam o medo da morte por representar uma enorme possibilidade de vitimização, há figuras sociais que provocam medo pelo papel social que desempenham no âmbito do território de violência. Entre elas, sobressaem o viciado em drogas e o narcotraficante.

Em pesquisa empírica desenvolvida, observo que as pessoas têm medo do poder da violência de quem é protagonista de atos violentos. São, principalmente, aquelas pessoas que estão sob os efeitos de entorpecentes. Consideram que os “viciados” têm grande tendência a praticar violência, pois, os consumidores de

drogas e bebidas alcoólicas destacam-se no território pelo envolvimento em crimes violentos ligados ao narcotráfico, muitos são protagonistas de homicídios. Trata-se de pessoas que dominam pelo medo que inspiram, entre elas sobressaem os que desempenham o papel de chefes do narcotráfico, temidos no território em que atuam.

Para elucidar a dimensão do poder do chefe do narcotráfico no território onde atua o maior narcotraficante, relato a situação em que esse poder é utilizado por professores de uma escola municipal para conter atos de indisciplina de seus alunos. Os professores ameaçam em chamar o referido narcotraficante para puni-los por mau comportamento. A atitude dos professores é bem elucidativa de um caso de domínio aos subalternos, utilizando o medo. Quer dizer, no âmbito da escola de ensino fundamental, o estímulo do medo ao narcotraficante é uma ferramenta de poder empregada pelas autoridades escolares.

Contudo, a situação inversa é também passível de acontecer: da instituição escolar (professores, funcionários, pais e alunos) ser ameaçada por atores sociais que violam seus interesses e praticam agressões contra ela. São alunos e ex-alunos que atuam, geralmente, como integrantes de gangues. Nesse contexto, o poder das gangues gera um medo que interrompe a atividade escolar. As autoridades escolares suspendem as aulas, os pais dos alunos retiram seus filhos da escola ou pensam em fazê-lo, alguns professores pedem demissão ou transferência para uma escola em outra localidade. Nele, o sujeito dominado e o dominador são, respectivamente, a instituição escolar e as gangues de alunos.

Deste modo, o poder do medo à violência e às agressões de quem encarna um personagem violento coloca em xeque a autonomia institucional e a autoridade de diretores e professores da escola. Fato evidenciado durante o período de pesquisa de campo, quando as atividades acadêmicas da escola foram interrompidas devido a ameaças recorrentes a professores e funcionários por parte de um grupo de alunos que integra uma gangue. As ameaças aparecem registradas nas paredes e muros da escola, e são assumidas expressamente por um garoto de 14 anos ao declarar: “estamos aqui para meter o terror. Somos nós que mandamos na área”.

Essa situação permitiu que se tornasse público o sentimento de medo de uma professora a qual, no lugar de porta-voz dos professores da escola, disse ter medo do poder da violência de uma gangue que vem atuando há dois anos no estabelecimento. “Há mais de dois anos tentamos trabalhar com esses alunos e os pais. Levamos o caso ao conhecimento do Conselho Tutelar, Promotoria e Secretaria Municipal de Educação. Estamos acuados”, desabafa uma das professoras que diz trabalhar com medo.

Só que nem sempre a instituição recorre ao poder da violência e dos protagonistas da violência para fazer valer sua autoridade diante dos subordinados. Em alguns contextos, a instituição encarna o poder mundano,

representado por atores sociais que desempenham a autoridade institucional e, enquanto tal, obriga o seguimento das normas que a regem – em qualquer âmbito da vida social. Nesse caso, é um poder legitimado, reconhecido por parte dos “dominados”. Estes se submetem a regras e normas institucionais em diversas ocasiões, não só por considerá-las legais, mas por medo às represálias, ao castigo. Deste modo, o medo é um sentimento que, ao ser acionado, serve de mecanismo de controle social institucional, torna-se uma ferramenta de poder, em vista de que, não basta proferir normas, é necessário o terror ao castigo para quem as desobedeça.

Em suma, o controle social, apoiado em sentimentos, contribui para criar uma “cultura do medo” (Beck, 2006; Eckert, 2002), apoiada na ideia de que a força do medo é a punição dos homens e não mais dos deuses, como era nas sociedades pré-modernas.

4 PODER DO MEDO

De outra perspectiva, o medo tem um poder intrínseco. Postulado que evoca as ideias de Nietzsche (2007)⁹, segundo as quais “não se deve desejar que diminua o medo entre os homens, porque o medo obriga os homens a serem fortes, terríveis, se a ocasião se apresentar” (p. 118). Em concordância com essas ponderações, para Freud o medo é um conceito fundamental, porque o medo à castração faz os homens lutarem por objetivos e se submeterem a provas sexuais e sociais. Sem medo poderíamos ficar sem motivação para competir, inovar, ser melhor que o vizinho (Fonseca, 2008).

O medo é então um sentimento positivo, na medida em que estimula no sujeito a produção de medidas de prevenção contra os ataques de inimigos, a reação a ameaças externas e a criação de estratégias de proteção diante dos perigos vividos pelos homens. Em suma, incita o desenvolvimento de mecanismos de defesa da vida, em casos de risco.

Identifico o poder do medo em circunstâncias nas quais o medo, no lugar de paralisar o sujeito, o potencializa. Neste sentido, digo que há uma contraposição de forças quando o medo estimula atitudes defensivas perante as ameaças do outro. Atitudes manifestas no fato da emoção, provocada pelo medo, se reverter em mudanças fisiológicas, induzindo à liberação de uma energia espalhada pelo organismo que serve ao instinto de sobrevivência dos homens.

Nessa ordem de ideias, para evitar as repercussões nefastas do medo e exaltar as benéficas, seguindo Teixeira e Porto (1998), é preciso antecipá-lo, conhecê-lo e controlá-lo mediante a representação. A representação do medo consiste na atribuição de significados comuns a pessoas, situações e objetos que causam temor.

Na reflexão acerca do poder do medo, incluo o exame do papel que desempenham os agentes de poder. Para estes últimos, o medo é uma ferramenta de controle social. Diversas entidades (Estado, Igreja, Políticos) fazem ameaças através das quais geram e acentuam a insegurança e o medo nas pessoas, elas recorrem ao medo como forma de inibir ações nas pessoas, principalmente criminosas. O medo de ser culpado e castigado está na raiz das instituições de controle social, que podem ser opressoras (Fonseca, 2008), através do processo de incubação do medo, acaba se reproduzindo uma forma de autoridade.

O imaginário do medo possibilita ao Estado, e demais entidades representantes do poder social, desenvolver medidas cada vez mais autoritárias, leis cada vez mais punitivas, legitimadas por demandas sociais de proteções reais ou imaginárias contra a violência. Dentro desta linha de pensamento, o medo contribui para o fortalecimento de uma ordem, de uma dominação institucional ampla e da restrição de espaços de convivência social. Demandas colocadas, principalmente, por camadas altas da sociedade.

Além disso, o medo à violência favorece o armamento da sociedade civil, a legalização do porte de armas e o crescimento da indústria de segurança privada. São grades, alarmes e seguros fabricados para servirem de elementos de proteção real ou simbólica das pessoas contra a violência.

Nesse processo de exploração do medo à violência, como sentimento que ajuda a manter a ordem social, a mídia desempenha um papel fundamental. Em vista de que a divulgação pública por parte da imprensa do sofrimento vivido por vítimas de crimes, principalmente de homicídios, contribui para aguçá-lo esse sentimento. Não só o sofrimento das vítimas, mas também a frequência com que a violência ocorre em espaços públicos são informações fornecidas pela mídia que estimulam o sentimento de medo. A mídia, ao transmitir informações sobre acontecimentos de violência, ritualiza as ameaças, colaborando assim para a reprodução do medo e a implementação de medidas de segurança. Em decorrência da representação elaborada pela imprensa, o medo é partilhado e socializado, mas, ao mesmo tempo, é ampliado e estendido. A consequência é que se deseja controlá-lo cada vez mais.

Os dados acerca da violência, veiculados pela imprensa, que estimulam sentimentos de medo, incidem na legitimação dos discursos da mídia e de outros atores sociais sobre o aumento da criminalidade e da violência. Discursos que se caracterizam por uma concepção de violência segundo a qual esta resulta da decadência moral de uma sociedade. Decadência atribuída às crises sociais na família, no mundo do trabalho e na vida religiosa, entre outras.

Desse ponto de vista, o medo transforma-se numa ferramenta de ação, é manipulado para dominar. Mas nem sempre o consegue, pois os sujeitos que o sentem o utilizam principalmente para se defender de ataques. Como assinalamos antes, estamos diante de um paradoxo: o poder da violência, e do

medo que ela infunde, no âmbito da maior instituição escolar do território, ao mesmo tempo em que é reconhecido pelos professores e utilizado para reprimir o comportamento dos alunos, é sentido pelos mesmos professores quando ameaçados de agressão pelos alunos. Portanto, o poder da violência é causador de sentimentos de medo não só em alunos, mas neles também. Em outros termos, o medo às ações violentas é explorado como forma de poder por diversos atores sociais: professores, funcionários e alunos.

E, dirigindo a atenção para quem o vivencia, o medo não é uma categoria amplamente utilizada para definir o sentimento de temor, muitas vezes as pessoas evitam enunciá-lo. Ao serem indagadas se tinham medo de se encontrar com o outro perigoso, respondiam com termos diferentes a medo. No universo investigado, “medo” não é a categoria mais usada para verbalizar sentimentos de insegurança que provoca a possibilidade de ser vítima de um crime. Esse fenômeno lembra a ideia de Delmaneuau (1989) acerca da tendência geral dos homens a querer camuflar o medo. A não verbalização e/ou sua negação podem ser indicativos da vontade de ocultar esse sentimento. Citando Delpierre, Delmaneuau (1989) afirma que o medo está carregado de vergonha, por isso o escondemos, o enterramos no mais profundo de nós, e nos domina nas entranhas.

De acordo com Delmenau (1989), a tendência geral dos homens a camuflar o medo obedece a um sentimento associado à covardia. O mencionado autor desenvolve algumas ponderações acerca do silêncio prolongado sobre o medo na história. Para ele, é causado pela confusão mental entre medo e covardia, coragem e temeridade. No discurso escrito e no falado, houve, por muito tempo, a propensão a ocultar as reações naturais que acompanham a tomada de consciência de um perigo, por trás das falsas aparências de atitudes ruidosamente heróicas.

Mas essa aparente impassibilidade diante do medo não condiz com o comportamento seletivo, desenvolvido pelas pessoas quando interagem em ambientes vulneráveis à violência. A não enunciação do medo não significa que o sentimento que essa categoria denota esteja ausente. Mesmo que não seja recorrente o uso da categoria medo para definir seus sentimentos, a reação perante as situações ameaçadoras demonstra que as pessoas sentem a vulnerabilidade social a que estão expostas, têm consciência dos riscos que correm em ambientes carregados de violência e da distribuição desigual dos riscos. Estão cientes também de que, conforme a situação, os riscos têm um desdobramento específico. Assim, no território de violência, a experiência demonstra às pessoas que os cenários de maior risco de serem vítimas de uma morte violenta são certos espaços públicos e em certos tempos sociais. Portanto, são espaços de interação social estimuladores de sentimentos de inseguranças e medo, como tais preferem evitá-los.

O comportamento seletivo, do qual trato no parágrafo anterior, relaciona-se também com as ideias de exclusão social que, de acordo com Castel (2000), constituem-se uma forma de discriminação negativa. Discriminam certas pessoas de seu espaço de relações sociais, obedecendo a regras estritas de construção. Fica evidente que, nesse processo, os comportamentos diferenciam-se quando as pessoas são conhecidas ou desconhecidas. Em vista de que, os indivíduos desconhecidos, estranhos, intimidam e provocam reações de exclusão social. “O outro” indivíduo, disposto em uma ação social, é sempre fonte de medo a ser controlada ou a ser configurada.

A exclusão dos desconhecidos ocorre pelo fato das pessoas estarem imersas no clima de insegurança que gera a ampla difusão da violência. Essa insegurança faz com que o desconhecido seja encarado com desconfiança, que assumam uma postura negativa diante dele, isto é, que no lugar do desconhecido despertar interesse, prevaleça sua negação. Deste modo, em contextos sociais caracterizados pelo alto índice de violência, há uma dificuldade enorme de confiar no desconhecido e de procurar elementos positivos nele. Essa postura fundamenta-se também na incorporação de representações de violência, pois, nesses ambientes, as pessoas, mesmo que não tenham sido vítimas, reagem e sentem como se fossem, identificam-se com elas. Fenômeno que gera uma sociabilidade de insegurança.

Em outros termos, o clima de insegurança é reforçado por um discurso de violência fundamentado na identificação com sentimentos e comportamentos das vítimas de acontecimentos violentos. A expansão da violência torna as pessoas vítimas potenciais de crimes contra o patrimônio e a vida. As pessoas colocam-se na posição de vítimas futuras e são dominadas pelo medo e a desconfiança. Sentimentos que provocam atitudes nefastas para a sociabilidade. E transformam as relações sociais ao tornar cada indivíduo numa vítima potencial ou num suspeito permanente.

O desconhecido é temido pela impossibilidade com que as pessoas se deparam de exercer um controle sobre ele, a vulnerabilidade ao outro. Em encontros com desconhecidos, algumas pessoas argumentaram que não duvidam em expressar uma ruptura radical, negando-lhe a fala ao outro. Argumentam que, se este tenta estabelecer uma comunicação, por mais efêmera que seja (pedir informações de ruas) lhe é negada. Essa é a atitude verbalizada por uma parcela de adultos diante do desconhecido e costumam transmiti-la aos filhos.

Ainda evocando a postura seletiva em relação à comunicação com o “outro”, afirmaram que uma das regras de comportamento imbuídas no processo de socialização é não receber nada de desconhecidos. Ou seja, nas gerações mais novas fomentam a desconfiança. Atitude indicativa do esvaziamento do sentimento coletivo, mencionado anteriormente, que caracteriza a sociabilidade em cidades dominadas pela violência. Nelas, as únicas comunidades passíveis de

construir pelos solitários são as do medo, a suspeita e o ódio (Bauman, 2000). Assim, o medo pode criar paralelamente situações opostas, colocar uns contra outros e até ameaçar a estrutura social ou propiciar o desenvolvimento de formas de solidariedade. Em vista de que, em torno das figuras do medo, os grupos mobilizam-se, criam novos lugares de encontro de sociabilidades, originando aventuras comunitárias de proteção coletiva.

Mas não são excluídos apenas os desconhecidos, em alguns contextos excluem do espaço de relações sociais pessoas conhecidas, destacadas socialmente como protagonistas de crimes e ações violentas, em geral. E uma maneira de realizar essa exclusão é deixando de transitar por espaços frequentados por criminosos, para se sentirem menos vulneráveis à violência.

Contudo, nas circunstâncias nas quais o encontro com o “outro” conhecido-criminoso é inevitável, o que é bem factível por se tratar de um território onde os criminosos são vizinhos, parentes ou amigos, as pessoas assumem uma atitude defensiva. Essa atitude consiste em adotar um comportamento afável, que disfarce a vontade de ruptura. Procuram “dar-se bem”, “conversar”, a fim de impedir um corte que possa desencadear práticas agressivas ou talvez violentas do outro. Desenvolvem, portanto, formas de controle sobre a ação dos outros. Então, uma maneira de se relacionar com essa pessoa que cometeu assassinato, para se proteger, é manter um bom relacionamento. Sabem que, com raiva e ódio, quem praticou um homicídio pode repetir a ação. Assim, a estratégia consiste em manter-se em harmonia com ela.

Apesar de desenvolverem mecanismos de proteção e controle diante do outro (conhecido-criminoso), em diversas situações manifestaram-se impotentes para efetivar o controle. A expressão dessa impotência observei ao identificar sentimentos imbuídos nos discursos relativos às colocações em encontros com esse outro. De acordo com os discursos, são esporádicos e imprevisíveis os atos de uma pessoa que ultrapassou em suas ações o limite contra a vida de outro, levando-o à morte. Não sabem em que momento aquela pessoa que cometeu um assassinato vai atacar de novo, se vai reagir com violência à situação criada no encontro. Apesar de estarem cientes de que nem sempre ataca, pode acontecer ao conversar tranquilamente. Esse quadro do imponderável os torna receosos nos encontros. O descontrole é maior ainda se o outro está sob efeitos da droga, pois “perde a cabeça”.

Essa medida de precaução é justificada por alguns sob a argumentação de que não é em todas as situações que quem personifica socialmente a posição de criminoso se manifesta como tal. Em outras palavras, pessoas com um histórico de vida criminosa nem sempre têm um comportamento criminal; apesar de terem incorrido em crimes, não são criminosas em todos os planos da vida. Em algumas ocasiões, eles assumem papéis sociais fora da esfera do crime, seguem as normas conforme as regras da sociedade. De modo que essa ambivalência na figura social do criminoso desperta, em quem o conhece, posições ambíguas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ambiguidades, ambivalências e contradições caracterizam as posições de pessoas, dominadas por sentimentos de medo, em relação à violência. Portanto, o território da violência se configura não só em torno de espaços, tempos, personagens e práticas específicas, senão também em contraposição a um “outro”, no âmbito do qual os sentimentos de medo representam elementos de fronteira.

Quer dizer, as manifestações de medo denotam a construção social de fronteiras de um território, fundamentadas, paradoxalmente, em relações de alteridade e identidade com a violência. Assim, ainda que não tenha sido explicitado no texto, nele perpassa a ideia de que o território de violência o define um olhar de “fora”, que alude a práticas, tempos, espaços e personagens, com as quais ele, de “fora”, geralmente não se identifica, mas está próximo socialmente, por estar em convivência permanente com elas.

Por isso argumento que o território de violência, ao qual faço alusão, é definido pelos que se posicionam num espaço, no âmbito em que o medo mobiliza as pessoas em suas relações com diversos elementos que compõem o território de violência. Ou, melhor dizendo, o medo é o sentimento dominante nas relações sociais construídas e/ou construtoras desse território.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zigmunt. *Em Busca da Política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BECK, Ulrich. Incertezas fabricadas. *Sociedade do risco*. O medo na contemporaneidade. IHU ONLINE-Unisinos. São Leopoldo, maio 2006.
- CASTEL, Robert. As armadilhas da exclusão. In: WANDERLEY, Mariangela Belfore; BOGUS, Lucia; YAZBEK, Maria Carmelita (Orgs.). *Desigualdade e a questão social*. São Paulo: EDUC, 2000.
- DELUMEAU, J. *História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DUBY, Georges. *Ano 1000, ano 2000, na pista de nossos medos*. São Paulo. Ed. UNESP, 1998.
- ECKERT, Cornélia. A cultura do medo e tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre. In: MINAYO, Maria ceclia de Souza; COIMBRA, Carlos E.A. (Orgs.). *Antropologia, Saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1994.

FONSECA, Daniel. O Medo. In: *Itiaca*, 31 de janeiro de 2008. Disponível na Internet: <http://www.kplus.com.br>.

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. 2ª ed. São Paulo: Editora Escala, 2007.

TEIXEIRA SANCHES, Maria Cecília; PORTO SILVEIRA, Maria do Rosário. *Violência, insegurança e imaginário do medo*. Cad. CEDES, Campinas, vol. 19, nº 47, dez. 1998.

NOTAS

* Antropóloga, doutora no CPDA (UFRRJ). Pós-doutorado em sociologia da violência pela UFRGS.

¹ Não vou nomear a localidade na qual foi feita a pesquisa por lealdade às pessoas que contribuíram para este estudo. Elas estiveram sempre muito receosas em falar sobre o assunto, por medo às repercussões que esses dados pudessem ter. Eu me comprometi com elas de que este lugar seria um laboratório de análise e, como tal, não iria ser revelado seu nome. Apenas informo que é uma localidade com alto índice de criminalidade, localizada num município da Região Metropolitana de Porto Alegre.

² Pelo que informaram as pessoas, ao serem indagados pela frequência com que acontecem as “brigas”, quase toda noite tem tiroteio no território. Numa das instituições de assistência que atua no território, afirmam que toda semana tem um assassinato.

³ O balão antigamente era um arroio, hoje divide o espaço em dois lugares nomeados de Chácara e Vila Paim. E ali desemboca o esgoto da cidade de São Leopoldo. A Chácara e Vila Paim correspondem em termos da divisão administrativa aos bairros Vicentina e São Miguel, respectivamente.

⁴ Expressão local utilizada para definir a morte por assassinato, opõe-se à “morte morrida”, que é a morte natural.

⁵ Categoria usada por uma assistente social numa conversa para definir as diferentes classes de narcotraficantes que agem no território.

⁶ Acerca dos recursos analíticos que oferece o estudo do medo, posicionaram-se já os historiadores franceses Duby (1998) e Delmaneu (1989), assinalando que através deste sentimento podem ser percebidas mudanças sociais.

⁷ Elias (1994) refere-se ao desejo e ao medo como questões que interferem no diagnóstico de problemas sociais.

⁸ Em seu texto “O pequeno Hans”, de 1909, Freud postulou que toda fobia é manifestação de angústia profunda, sem relação, muitas vezes, com o objeto do medo.

⁹ Extraído do livro: *A Genealogia da moral*. Publicação da Coleção *Grandes obras do pensamento universal*- 20.